



ENSAIOS



O Corpo Morto de Diadorim

A nomeação póstuma de Diadorim como mulher na economia narrativa de *Grande sertão: veredas*

Paulo Ricardo Moura da Silva, *Universidade Federal de Ouro Preto*

A proposta deste ensaio é analisar a passagem do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, em que o corpo morto de Diadorim está sendo preparado para a cerimônia fúnebre, de modo a observar como a descoberta de que Diadorim possui um corpo dito de mulher redireciona a narrativa de uma representação centrada na tensão homoerótica entre os protagonistas para colocar em cena a questão do gênero de Diadorim. Este redirecionamento produziria um efeito de abertura e continuidade narrativa no momento em que a narração chega ao fim, o que se relaciona fortemente com a própria economia narrativa da obra literária em questão, que busca se constituir esteticamente por meio da noção de viagem, de passagem e de transitoriedade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Gênero. Transitoriedade.



Introdução

O romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicado em 1956, ultrapassa qualquer classificação que o tente aprisionar em um único universo teórico com o objetivo de compreendê-lo criticamente em sua totalidade e complexidade estética. É uma obra literária de estrada, que viaja pelos experimentalismos de linguagem, pelo regionalismo realista na representação do norte mineiro, pelo intimismo que resgata as memórias, por vezes conflituosas, de um jagunço, pela dimensão mítica de um Fausto à brasileira, pelo caráter filosófico das elucubrações de um sertanejo diante sua própria existência.

Nessa estrada tortuosa, mas tão bem arquitetada, quero fazer uma parada em um trecho do romance de Guimarães Rosa, porque viagens também são feitas de estacionamentos que possam nos refazer para, assim, seguirmos melhor o caminho que temos pela frente. Irei me atentar, mais especificamente, à passagem em que se revela a Riobaldo que, sob os trajes e os trejeitos masculinos do amado Diadorim, havia um corpo dito de mulher, porém, agora, já morto. Nesta parte do romance, refletirei sobre como as questões de gênero que podem ser levantadas contribuiriam para a economia narrativa de *Grande sertão: veredas*.

A transitoriedade do corpo

Entre os diferentes motivos presentes no romance, está o amor de Riobaldo por Diadorim, que se configura esteticamente a partir de um dispositivo narrativo recorrente na literatura brasileira, a saber, o estabelecimento de uma tensão homoerótica entre dois amigos que é capaz de romper com as fronteiras entre amizade e amor, de modo a constituir uma relação pautada em recalques, ambiguidades e elipses. A título de exemplificação deste dispositivo narrativo, podem-se citar os contos “Pílades e Orestes”, de Machado de Assis, “Frederico Paciência” e “Túmulo, túmulo, túmulo”, ambos de Mário de Andrade, “A solução”, de Clarice Lispector, “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu, e “Paixão segundo João”, de Dalton Trevisan¹.

1 Como exemplo do dispositivo narrativo em questão, pode-se mencionar ainda uma possível leitura crítica do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a partir da compreensão da relação entre Bentinho e Escobar como uma amizade tensionada homoeroticamente.



Guimarães Rosa traça a representação da tensão homoerótica em um espaço social bem peculiar, no qual a aridez do ambiente natural dialoga com a rudeza do humano, que faz dos códigos de macheza do cangaço atributos que exaltam a honra e a coragem, a serem defendidos com a própria vida. Em meio a uma vida ríspida de cavaleiro andante no sertão brasileiro, em que a sombra da espada inimiga é uma ameaça constante, Riobaldo ousa dizer as seguintes palavras, de uma sensibilidade poética incomparável: “Diadorim é a minha neblina” (ROSA, 1994, p. 27).

A suavidade e a delicadeza do sentimento dúbio de um jagunço respeitável e respeitado para com seu companheiro de bando se apresentam como um contraste marcante em relação à truculência de um cotidiano retificado pela violência. Nesse contexto de valores e de práticas pautadas no machismo, no patriarcado e na heteronormatividade, esse sentimento, por parte de Riobaldo, nunca vem plenamente à tona na tentativa de se concretizar em gestos amorosos entre os dois personagens, ao mesmo tempo em que os demais componentes do grupo nada dizem sobre o que supostamente observam:

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. (ROSA, 1994, p. 32-33).

Se não havia chacotas por causa da relação dúbia entre Riobaldo e Diadorim, não era pelo respeito e pela aceitabilidade de práticas homoeróticas entre jagunços, mas justamente pelas consequências fatais que uma piada maldosa poderia ocasionar a quem a fizesse. Era o medo que falava mais alto e impunha um silêncio por parte dos demais companheiros, que acabavam por se acostumar a verem aquela amizade pouco comum em seu meio social.

Ao se direcionar a Diadorim, seja com um olhar, uma conversa ou um pensamento, Riobaldo se lançava na experiência da tensão, da dúvida, da possibilidade e, por que não, da ameaça e do silêncio. É no jogo das insinuações que Guimarães Rosa constrói a trama narrativa dessa relação sob o signo da viagem, uma vez que sem ser puramente amor ou simplesmente amizade, elabora um relacionamento em trânsito, por se constituir no entrecruzamento entre amizade e tensão



homoerótica, sem se encerrar em uma única definição pré-estabelecida *a priori* pelas dinâmicas sociais.

Observemos a seguinte passagem de *Grande sertão: veredas* a fim de notarmos o quanto se ultrapassa as fronteiras da amizade no universo subjetivo de Riobaldo e se transita entre as dimensões de amizade e de erotismo: “e veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso.” (ROSA, 1994, p. 43).

Haveria em Riobaldo um desejo por gostar de Diadorim para além dos laços de amizade, que o faria se confrontar com o que estou chamando de tensão homoerótica, isto é, um conjunto de afetos, situados no âmbito do eros, que não ganha a concretude que uma atitude ou uma palavra-dita poderiam lhe conferir. Se a configuração do relacionamento com Diadorim não se encaixa perfeitamente dentro das demarcações de amizade, mas rompe com estas fronteiras, Riobaldo também não se entrega plenamente à dimensão erótica que sente pelo amigo, pois, para usar suas próprias palavras, reluta contra esses desejos passionais.

A tensão que marca o relacionamento em questão, constituída por tantos silêncios e silenciamentos, parece ser o fundamento representacional para o desenvolvimento narrativo. Se temos uma tensão que é elaborada como força motriz da história narrada, o que era de se esperar é que o romance se encerre com a resolução desta tensão. Nesses termos, a descoberta de Riobaldo de que Diadorim teria um corpo considerado de mulher poderia incitar a leitura crítica de que este fato desfaria o conflito dramático de modo a dar-lhe um fechamento.

Esta revelação faria com que Riobaldo não estivesse apaixonado verdadeiramente por um homem, mas por uma mulher, logo, os seus desejos não seriam transgressores da heteronormatividade, como supunha, pois estariam bem acomodados nos valores e nas práticas socialmente legitimados, o que não justificaria a permanência da dimensão tensiva ao final da narrativa e, desse modo, haveria o restabelecimento da ordem no fluxo narrativo.

Entretanto, nossa proposta de leitura crítica segue outro caminho, porque gostaria de refletir como a passagem da descoberta do corpo feminino de Diadorim poderia não ser um fechamento para a história, mas uma abertura, que produziria o efeito estético de



continuidade, de que haveria ainda outras estradas a serem percorridas pelo narrador mesmo com o fim do romance.

Vejamos o trecho de *Grande sertão*: veredas em que há a revelação da condição feminina de Diadorim para se analisar, mais detidamente, as questões propostas:

Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei. E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim – nu de tudo. E ela disse: – “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu – não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... (ROSA, 1994, p. 861).

Entre os jagunços, Diadorim se construía subjetivamente e era reconhecido socialmente como um homem, que não se diferenciava dos demais membros do grupo por uma questão de gênero, pois sua masculinidade era dada como evidente por todos, o que não acontecia sem certos ocultamentos por parte de Diadorim. Porém, quando a morte tornou-se a sua realidade irreversível, o corpo de Diadorim teve que ser preparado para o sepultamento e, conseqüentemente, seu corpo foi desnudado diante dos olhos de outras pessoas.

Neste contexto, pode-se sugerir que estar nu não é simplesmente tirar-lhe as roupas, mas também desfazer a identidade masculina esculpida naquele corpo, para, em um movimento circular, fazer com que retorne ao gênero feminino, o qual lhe foi imposto socialmente ao nascer, logo, o período inicial da vida reencontraria o momento em que a morte é a sua condição.

No entanto, é preciso estar atento que a dimensão feminina atribuída ao Diadorim se realiza por meio de um corpo reconhecido e, por isso, nomeado como de mulher, isto é, trata-se de um feminino constituído *no* e *pelo* corpo, inclusive porque Riobaldo diz ao narratário “que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita” e não simplesmente afirma que seu amado era uma mulher.



Porém, este corpo que revela o feminino já é sem vida, o que nos levaria a indagar se este feminino também não estaria marcado pelos signos da morte. Ademais, como a existência do indivíduo Diadorim se dava socialmente como homem, resta se perguntar se o feminino no personagem em questão não morreu simbolicamente antes de sua morte efetiva. Se aceitarmos essa hipótese, o corpo do personagem se constitui como vida sob as marcas do masculino, mas, ao mesmo tempo, é um túmulo do seu feminino, isto é, o feminino de Diadorim se encontraria sepultado em seu próprio corpo, de modo que lhe tirar as roupas seria como abrir o sepulcro. Uma morte que leva a se deparar com outra. Novamente, a remissão à estrada pode se fazer presente, pois foi percorrendo os caminhos da preparação funerária que se chegou a vislumbrar a dimensão feminina do personagem.

Curioso observar, ainda, que quem enuncia em primeira instância a condição feminina de Diadorim no leito de morte é uma mulher. Se nós, seres humanos, nos constituímos como sujeitos a partir do olhar do outro, a atribuição de feminilidade a Diadorim, ao ser realizada por uma mulher, poderia ser compreendida como uma mudança de referencial, uma vez que Diadorim vivia em meio social estritamente masculino, o que resultaria em uma ressignificação de sua existência.

Para que o feminino em Diadorim venha à luz, aflore sob contornos discursivos que o revitalize, é preciso um olhar e uma palavra que lhe reconheça como tal, ou melhor, que o reconstrua sob esta perspectiva, que lhe mude as roupas, que lhe faça transitar. Uma mulher que lhe prepare o corpo para se tornar mulher, ainda que, por alguns instantes, e, assim, reelabora outra narrativa para sua vida.

Nesse sentido, em termos representacionais, Diadorim passaria de objeto/alvo do desejo (homo)erótico de Riobaldo para um corpo que transitou de um gênero para outro e, por isso mesmo, transgrediu o gênero que lhe foi socialmente imposto ao nascer. Em outras palavras, o trecho citado acima, ao invés de se constituir como uma resolução do conflito dramático no que diz respeito à relação entre Riobaldo e Diadorim, marca na narrativa uma passagem da questão da orientação sexual para uma problemática de gênero.

Em termos de efeito estético, esse deslocamento narrativo que permite que surja o contraste entre o masculino construído ao longo de toda história e o feminino que emerge como elemento surpresa, capaz de



redirecionar a percepção do leitor sobre o personagem e sobre os fatos narrados, produziria uma percepção estética de abertura ao final da história. Nada se encerraria por completo, ao contrário, com essa abertura, mesmo com o fim da narração, a história indicaria que suas palavras continuam em movimento, continuam em travessia, substantivo este que, inclusive, é a última palavra do romance de Guimarães Rosa.

Observemos, agora, outro trecho de *Grande sertão*: veredas, que também se refere à passagem dos preparativos funerários de Diadorim, para continuarmos a observar, em termos críticos, o desenvolvimento deste momento da narrativa:

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia porque nome chamar; eu exclamei me doendo:

– “Meu amor!...”

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para podernão presenciar o mundo.

A Mulher lavou o corpo, que revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma. No peito, entre as mãos postas, ainda depositou o cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário, de coquinhos de ouricuri e contas de lágrimas-de-nossa-senhora. Só faltou – ah! – a pedra de ametista, tanto trazida... O Quipes veio, com as velas, que acendemos em quadral. Essas coisas se passavam perto de mim. Como tinham ido abrir a cova, cristamente. Pelo repugnar e revoltar, primeiro eu quis: – “Enterrem separado dos outros, num aliso de vereda, adonde ninguém ache, nunca se saiba...” Tal que disse, doidava. Recai no marcar do sofrer. Em real me vi, que com a Mulher junto abraçado, nós dois chorávamos extenso. E todos meus jagunços decididos choravam. Daí, fomos, e em sepultura deixamos, no cemitério do Paredão enterrada, em campo do sertão (ROSA, 1994, p. 861).

O amor que Riobaldo sentia por Diadorim, mesmo após a reconstrução de sua dimensão feminina, não se abala, ao contrário, permanece “incendiável”, para usarmos uma palavra do próprio narrador, repleto de vigor e de intensidade. A passagem indica que Riobaldo, diante de tais circunstâncias, não sabe qual nome pode utilizar



para se referir ao seu/sua amado/a, uma vez que o nome Diadorim pertence à sua identidade masculina e aquela feminilidade se apresenta sem nome a ele. Se já sugerimos que o feminino *de* e *em* Diadorim estaria morto, esta ausência de nome para aquela constituição identitária poderia indicar também a sua falta de existência, ou, em outras palavras, o seu falecimento.

Entre assumir um nome e, conseqüentemente, uma identidade que enquadrasse o/a amado/a, de modo único e restrito, ao universo masculino ou ao universo feminino, o que resultaria na anulação de uma das identidades, Riobaldo opta por um chamamento que justamente preserva as duas dimensões, a saber, “meu amor”, expressão que pode ser utilizada para se remeter tanto a homens como a mulheres.

Outro elemento interessante de se notar é que o personagem, que teve sua feminilidade enunciada após tirarem-lhe as roupas masculinas, é enterrado com roupas femininas. Porém, vale ressaltar que são vestuários que não pertencem a Diadorim, mas, sim, a mulher que lhe preparou o corpo para o sepultamento e que lhe conferiu discursiva e imagetivamente uma identidade feminina, o que poderia ser um indício de que, naquele momento, aquela mulher não apenas lhe empresta as palavras e as roupas, mas também sua própria feminilidade para que se reconstrua o feminino em Diadorim.

A ordem de Riobaldo para que Diadorim seja enterrado longe dos outros parece apontar para o desejo de que a identidade feminina de Diadorim não seja mais uma vez ressuscitada socialmente por meio de palavras alheias, que possam dar vida a esta questão de gênero por meio do discurso. É preferível que o feminino permaneça enterrado, de modo que se materialize o sepultamento que Diadorim fizera em vida em termos simbólicos.

A partir desta leitura crítica, podemos ser tentados a cair em certo anacronismo e ver na obra de Guimarães Rosa, publicada em 1956, as discussões posteriores de Judith Butler, sobretudo em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão de gênero*, publicado em 1990, sobretudo no que diz respeito à compreensão do gênero a partir da performatividade².

² Para conhecer mais sobre a obra de Judith Butler, ler *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salih.



Se *Grande sertão*: veredas nos permite perceber o gênero como uma construção social e subjetiva, passível de transgressões e de reformulações, constituído a partir da alteridade, não podemos afirmar simplesmente uma motivação causalista que colocaria a literatura na dependência e em subordinação ao pensamento teórico, filosófico e científico da época. Se é inegável que a Literatura é influenciada pelo momento histórico da sua produção, bem como trava diálogos com diversas formas de conhecimento, é preciso não esquecer que a Literatura também é uma forma de conhecimento capaz de expressar compreensões muito sofisticadas para sua época.

Grande sertão: veredas, caso seja analisado da perspectiva crítica das subversões do gênero, é um exemplo do refinado, complexo e avançado olhar de Guimarães Rosa para o humano na elaboração de sua obra literária. Se é possível que o acusem de conservador por ter rompido ao final com a dimensão homoerótica, com a justificativa de que Rosa buscava restabelecer a heteronormatividade, a meu ver, é porque se está pouco atento à problemática do gênero e a sua dinâmica na economia narrativa.

Referências bibliográficas

ABREU, C. F. de. *Morangos mofados*. São: Brasiliense, 1986.

ANDRADE, M. de. *Contos de Belazarte*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

_____. *Contos novos*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1996

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

_____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

LISPECTOR, C. *A legião estrangeira*. São Paulo: Siciliano, 1992.

ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Trad. de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.



TREVISAN, D. *A guerra conjugal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.



The dead body of Diadorim: the posthumous appointment of Diadorim as a woman in the narrative economy of *Grande sertão: veredas*

ABSTRACT: The purpose of this essay is to analyze the passage from the novel *Grande sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa, in which the dead body of Diadorim is being prepared for the funeral ceremony, in order to observe how the discovery that Diadorim has a body said of woman redirects the narrative of a representation centered on the homoerotic tension between the protagonists to put on the scene the question of the genus of Diadorim. This redirection would produce an effect of opening and narrative continuity at the moment when the narration comes to an end, which is strongly related to the narrative economy itself of the literary work in question, which seeks to constitute aesthetically through the notion of travel, passage and of transience.

KEYWORDS: Body. Genre. Transitoriness.

Paulo Ricardo Moura da Silva

É graduado em Licenciatura em Letras – Português/Espanhol – pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus São José do Rio Preto, possui mestrado e curso doutorado em Letras, na área de Teoria da Literatura, pela mesma instituição de ensino. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), campus Ouro Preto, atuando no ensino médio e superior. Desenvolve pesquisa na área de Teoria do realismo a partir de obras da literatura brasileira.